

REVISTA DE AGRICULTURA

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE ENSINAMENTO
TEÓRICO E PRÁTICO



DIRETORES:

Prof. N. Athanassof
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
† Prof. Carlos I. Mendes
Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Vol. 28 Setembro - Outubro - Novembro - Dezembro 9-10-11-12

A CAFEICULTURA E O MOMENTO

Prof. ARTHUR TORRES FILHO

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

No momento atual a cafeicultura está a exigir bases sólidas, técnicas e econômicas por ser a maior fonte de divisas do Brasil. A partir do meado do século XIX começou o café a ter influência em nossa economia e nas finanças, constituindo-se a maior riqueza agrícola que possuímos até hoje.

Compreende-se que com a superprodução registrada em 1906, tenham os governos dos Estados maiores produtores celebrado o famoso convênio de Taubaté cujo resultado veio mais tarde justificar outras intervenções para o equilíbrio estatístico de preços e termos chegado, assim, à expansão crescente da cultura e à superprodução da safra de 28-29, com uma produção de 28 milhões de sacas, sem encontrar escoamento, coincidindo com a crise monetária mundial. Nessa contingência, o Governo, em 1931, devido aos estoques de café retidos, foi forçado a tomar medidas drásticas, de acordo com os Estados cafeeiros, para estabelecer o equilíbrio estatístico da produção e do consumo, de modo a impedir a desvalorização do produto e conse-

quente aniquilamento da lavoura cafeeira. Criou-se, afinal, para êsse fim, o Departamento Nacional do Café, cuja política de valorização acabou determinando o acúmulo de safras sempre crescentes, chegando-se, finalmente, à queima de cêrca de 80 milhões de sacas, representando a destruição de vultosa riqueza e o conseqüente desânimo dos produtores pelas cotas de sacrifício que lhes foram impostas e pela proibição de novas plantações. Sobrevindo condições climatéricas adversas (secas e geadas) verificou-se o abandono e a destruição de muitos milhões de cafeeiros com sérios prejuízos para os lavradores. Nessa emergência, impunha-se salvaguardar o patrimônio cafeeiro e chegámos ao *reajustamento econômico* destinado ao amparo dos lavradores. A consequência mais séria do processo de economia dirigida aplicada ao café, foi o estímulo levado aos nossos concorrentes para o aumento de suas produções.

E' de salientar que em 1937 registrou-se a contra-marcha na política cafeeira com a diminuição de taxas e impostos, permitindo o escoamento de grandes safras para o exterior nos anos subsequentes. Quando diretor do Departamento Nacional do Café, o saudoso agrônomo Fernando Costa traçou e executou novas diretrizes para a lavoura cafeeira visando, principalmente, a *melhoria da qualidade* e da produtividade do café brasileiro de modo a colocá-lo em condições competitivas com os melhores similares estrangeiros. Essa orientação agrônômica não foi continuada com a devida perseverança surgindo imprevistos como o flagelo da broca e, desse modo, sobrevindo a segunda guerra mundial com o fechamento dos mercados europeus, os preços baixaram e com o mau trato das lavouras, já em 1943 através de manifestações das classes produtoras faz-se mister ser estabelecido um programa de restauração da cafeicultura em novas e mais sólidas bases técnicas, econômicas e financeiras.

Sendo o café um dos produtos mundiais de consumo crescente e que possui nos Estados Unidos o seu maior consumidor e, portanto, um produtor de dólares, passou a despertar grande interesse nas regiões suscetíveis de desenvolvimento, tanto em

países americanos como nos continentes africano, asiático e na oceania.

Dado o papel preponderante do café como o maior produto de exportação do Brasil, tanto o govêrno federal como os dos Estados, que tem nele o produto principal de suas economias, chegaram à conclusão de que novas diretrizes e mais seguras se tornaram necessárias para a restauração da lavoura cafeeira e foi feita a liquidação do Departamento Nacional do Café, criando-se em seu lugar, em 1952, O Instituto Brasileiro do Café ao qual cabe agora encarar como autarquia a grande responsabilidade de orientar os destinos da nossa cafeicultura. As perspectivas, com um programa traçado e seguido com perseverança, são promissoras para o reerguimento da lavoura do café.

A recuperação já se processa em São Paulo sob a segura orientação da Secretaria de Agricultura para elevar a produção por área e diminuir o seu custo. Com êsse objetivo foi traçado o programa de seguras bases técnicas e científicas orientadas pelos institutos agrônômico e biológico onde se encontram os mais abalisados técnicos e o mais valioso repositório de pesquisas sôbre o café.

Como o Brasil reúne as melhores condições ecológicas para café, no Estado de São Paulo onde se opera o reerguimento da culturâ e possui em produção mais de um bilhão de cafeeiros e uma produção crescente, numa fase que se pode considerar de *consolidação* de novos rumos de orientação técnica e econômica, de conservação do solo, de adubação generalizada, de distribuição de sementes selecionadas de novas variedades, de maior produtividade; como em outros Estados, como Paraná, com seu solo fértil, a produção cafeeira adquire grande expansão; e como igualmente outros Estados cafeeiros, como Espírito Santo, Minas e Rio de Janeiro, os governos voltam suas vistas no sentido do desenvolvimento da cultura da lavoura cafeeira em bases racionais; o Brasil em 1952 forneceu 48% do

consumo dos Estados Unidos, se prosseguirmos dentro das diretrizes traçadas pelo Instituto Brasileiro do Café que garantam a produtividade e a qualidade, o Brasil não só estará apto a consolidar e melhorar sua posição de abastecedor do mercado americano como terá ainda diante de si os demais mercados da Europa que tradicionalmente consomem o café brasileiro, de que a Alemanha pode voltar a ser um grande mercado.

Conclue-se, portanto, que a perspectiva para a cafeicultura brasileira se apresenta favorável e podemos dar aos Estados Unidos a segurança do suprimento de café de que necessita para seu consumo sem que volte suas vistas receiosas para favorecer outras regiões produtoras com ajuda técnica e financeira.

Manual do Criador de Bovinos

A Fazenda de Criar, Raças e Tipos, Alimentação, Criação, Engorda, Produção de Leite e Trabalho, Higiene e Moléstias

5a. EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA — 1953

Prof. NICOLAU ATHANASSOF

Ex-Catedrático de Zootecnia Especial da
Escola Superior de Agricultura «Luiz
de Queiroz» da Universidade de S. Paulo

Pedidos à

EDIÇÕES MELHORAMENTOS - C. Postal 8120 - S. Paulo
e a REVISTA DE AGRICULTURA - C. Postal 60 - Piracicaba

PREÇO Cr\$ 250,00